

O SENTIDO DA TRANSCENDÊNCIA E O SIGNIFICADO TRANSCENDENTAL DA VERDADE NA FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA DE MARTIN HEIDEGGER

Bruno Lemos Hinrichsen¹; Prof. Dr. Sandro Márcio Moura de Sena²

¹Estudante do Curso de Filosofia (Bacharelado) - CFCH – UFPE; E-mail: brunohin@gmail.com,

²Docente/pesquisador do Depto de Filosofia – CFCH – UFPE. E-mail: sandrosena@gmail.com

Sumário: O presente trabalho investiga o sentido atribuído por Heidegger ao termo ‘transcendência’ e o seu desdobramento a partir do significado transcendental da verdade fenomenológica. Dessa forma, a pesquisa se desenvolveu como um trabalho hermenêutico a partir dos textos heideggerianos na tentativa de tentar extrair o sentido originário de transcendência no período fundamental-ontológico de seu pensamento. A pesquisa é basicamente dividida em três etapas: (a) houve uma busca etimológica pelo significado dos termos contrastando-o com o filosófico e em especial com a apresentação da “doutrina dos transcendentais escolástica; (b) em seguida apresentou-se a concepção kantiana de filosofia transcendental trazendo-a como uma ressignificação do entendimento medieval e levando-a à interpretação heideggeriana do projeto de uma ontologia da objetualidade do objeto; (c) por fim, apresentou-se o entendimento de Heidegger acerca de ‘transcendência’, apresentando-a como ser-no-mundo e abertura e possibilidade da existência fática do ser-aí, bem como, mostrou-se a relação, ainda que vestibular, entre ‘transcendência’ e ‘verdade’ no seio da ontologia fundamental elaborada entre 1926 e 1929. Assim, concluiu-se que a noção de uma destranscendentalização do pensamento do autor em comento é possível.

Palavras-chave: metafísica; ser-aí; ser-no-mundo; transcendência; transcendental;

INTRODUÇÃO

Utiliza-se do termo ‘transcendência’ das mais variadas maneiras e, normalmente, sem muito rigor com relação ao que se pensa estar dizendo. A linguagem cotidiana tende a pensar a transcendência como um simples deslocamento, um movimento de elevação, uma forma banal de expressar um “de(sde)” em direção a um “para” – altivo, superior, aparentemente inalcançável à primeira vista – e, nesse sentido, pode-se dizer que transcendência indica qualquer coisa que tenha a qualidade de estar meramente (e ainda que de forma grosseira) fora do alcance daquele que pensa, comunica ou se movimenta. De fato há, quando da apresentação do significado original do verbo latino ‘*transcendere*’ – que forma o português ‘transcender’ –, um ato de escalada no movimento transcendente: ‘transcender’ indicara, outrora, “escalar montanhas”, mas também ‘atravessar’, ‘exceder’.

Acontece que na tradição escolástica ele foi utilizado para exprimir a forma pela qual seria possível ascender à Deus, ente perfeitíssimo e transcendente, e, outrossim, ao que ficou conhecido como a “doutrina dos transcendentais”, na qual algumas palavras são tomadas como objetos puros, ultrapassando as categorias da linguagem. Muitos são os possíveis transcendentais, mas Aertsen (1996, p. 28), concorda que, dentre eles, alguns se impõem como indubitavelmente aceitos: *unum* (o Uno), *verum* (o Verdadeiro), *belum* (o Belo) e, o que lhes dá unidade, *ens* (o Ente ou o Ser). A isso Kant (1974) replicara tratarem-se de objetos puros, transcendentais no sentido de escapar ao conhecimento possível e, portanto, ser um palco de opiniões diversas. No seu projeto de uma metafísica científica, entretanto, como acentua Bonaccini (2013), não seria correto pensar em termos



de objetos puros, mas do conhecimento puro de objetos empíricos – o que se configura, decerto, como conhecimento transcendental: aquele que, como acentua Kant (1974, p. 63), se estabelece como o que se preocupa com o modo subjetivo da apreensão dos objetos empíricos de forma a priori. Essa é a situação tradicional do termo no que Heidegger (1978) chamara de conceitos teológico e epistemológico de transcendência.

Além do mais, nem o próprio sentido de ‘transcendência’ na obra de Martin Heidegger está completamente imune a dúvidas e ambivalências, pois é certo que os posicionamentos mais divergentes possíveis podem ser encontrados a partir da interpretação de seus textos. A justificativa para a pesquisa nasce, justamente, da necessidade de conceituação precisa dos termos filosóficos em questão em função do seu patente estado de ambiguidade e confusão, principalmente porque até então a discussão acerca dos seus sentido e significado não está fechada, havendo muito o que se estudar e dialogar para a conquista de uma precisa compreensão e fundamentação fenomenológica dos temas em questão.

Mas as respostas ainda não estão fechadas e o sentido de ‘transcendência’ ainda não foi completamente alcançado. Sendo assim, um dos objetivos principais do trabalho foi o de delimitar o que o termo quer dizer frente à tradição e tentar retirar hermeneuticamente o sentido a ele dado por Heidegger, particularmente no período chamado fundamental ontológico, que compreende os anos de 1925/26 a 1929/30. E a hipótese basilar é a de que aqueles que argumentam no sentido de uma filosofia transcendental heideggeriana, como nos moldes do projeto kantiano, bem como do husserliano, está equivocada, porquanto a partir do sentido fenomenológico-hermenêutico de ‘transcendência’ é possível, ao contrário, e junto com Sena (2012), operar uma destranscendentalização do pensamento heideggeriano.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa filosófica impõe que a pesquisa consista do levantamento bibliográfico dos textos pertinentes à análise, bem como implica a utilização do método qualitativo de análise, para a execução da leitura e interpretação. Os passos da pesquisas realizaram-se no sentido de uma reapropriação genética do termo ‘transcendência’ a partir do seu uso cotidiano e sua passagem para o uso filosófico. Tentou-se abordar a tradição a partir de dois tipos de pensamento diametralmente opostos (o escolástico e o epistemológico kantiano) e, por fim, trazer a compreensão heideggeriana do termo ‘transcendência’ à luz de seu projeto de uma ontologia fundamental. Assim, houve fichamentos dos principais conceitos no acompanhamento das leituras e, deles, a partir de uma análise crítica, formulou-se o texto no qual são apresentados os resultados. Dos fichamentos nasceram alguns artigos voltados à discussão da ‘transcendência’ na tradição, já devidamente comunicados, e interessa que sejam publicados. O último artigo está em vias de conclusão e terá como conteúdo a apresentação extensiva dos resultados primordiais dessa pesquisa, no que toca à compreensão heideggeriana de ‘transcendência’ e ‘verdade’.

RESULTADOS

Os resultados primordiais foram: (a) a partir do entendimento comum e cotidiano de transcendência foi possível entender como se dá a sua passagem para o uso filosófico; (b) foi possível perceber que a transcendência teológica ou ôntica, particularmente na *doutrina dos transcendentais*, toma objetos puros como transcendentais e tem Deus como ente supremo e *para além*; (c) notou-se que a transcendência epistemológica, partindo do ponto de imanência do sujeito como centro, interpreta o mundo naturalmente extenso como para além e o que atravessa saindo; (d) interpretou-se que o pensamento kantiano, ligado a essa

tradição epistemológica, tem como transcendente os objetos empíricos a partir do dado puro da intuição, sendo possível dizer, a partir de Heidegger, que Kant estabeleceu uma ontologia da objetualidade do objeto; (e) observou-se que ainda assim o sentido de transcendência heideggeriano é completamente distinto dos demais e, por seu turno, foi possível alcançar a compreensão de que a transcendência de que Heidegger está falando tem um sentido existencial próprio de voltar-se para si mesmo do ser-aí como ser-no-mundo interpretado sob a luz da temporalização de sua existência fática; (f) o significado transcendental da verdade só pode ser extraído no contexto do sentido da transcendência.

DISCUSSÃO

Partindo da hipótese de uma *destranscendentalização* da fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger, deve-se ter em mente que esse trabalho visa a clarificação dos conceitos de ‘transcendência’, ‘transcendental’ e ‘verdade’ no interior de sua própria obra, no período compreendido basicamente entre os anos de 1925/26 e 1929/30, o qual ficou posteriormente conhecido como fundamental ontológico. Isso significa, mas amplamente, que não se avaliou o conteúdo das obras de juventude e, também, que as suas obras mais tardias foram consultadas apenas no sentido de mostrar que Heidegger não estivera interessado, por completo, em impetrar uma qualquer doutrina de cunho transcendentalista. Realmente, no que foi possível retirar de textos escritos para além de 1930, quando o próprio filósofo se dá ao trabalho de comentar algumas passagens de seu pensamento anterior, vê-se que sempre aponta equívocos do pensamento acerca do sentido da transcendência e que todos esses equívocos são dados nos termos quer do conceito teológico (chamado tardiamente de ôntico) quer do epistemológico de ‘transcendência’; além disso sempre se faz alusão ao fato de que o pensamento da ontologia fundamental não poderia ser apreendido como um questionamento transcendental (nem no sentido husserliano nem no kantiano). O impressionante, não obstante, é que ainda assim, a maioria dos comentadores elevam a defesa de um pensamento transcendental (nesses termos acima apresentados) heideggeriano. Isso, em larga medida, é feito por eles a partir da interpretação de certos termos utilizados por Heidegger nesse período ontológico fundamental: dois termos que são assim interpretados, por exemplo, são ‘transcendência’ e ‘transcendental’. E se se pergunta porque, uma vez que tais termos surgem no léxico do filósofo, não seria preferível inferir um transcendentalismo no seu questionamento, deve-se (urge-se, talvez) observar e interpretar o que tais termos realmente abarcam e quais os seus sentido e significado. Ora, trata-se, a bem da verdade, tão somente de uma subversão dos seus usos cristalizados – inclusive porque Heidegger (2006) intenta, de fato, uma destruição da história da ontologia. Subversão e ressignificação, parece, são a chave para poder compreender o sentido mais profundo e estrutural da transcendência heideggeriana, levada a termo como ser-no-mundo (*In-der-Welt-sein*): isso implica em toda uma análise do projeto defendido em *Ser e Tempo* e, outrossim, como alguns de seus temas são mais amplamente discutidos em outras obras do mesmo período. Quando Heidegger (2007b), então, em 1929 escreve *Que é Metafísica*, a transcendência será levada ao problema do nada de entitativo e será interpretada no que diz respeito a um estar suspenso sobre o nada próprio da disposição afetiva chamada de ‘angústia’. O Já quando Heidegger (2007a), também em 1929, escrevera *Da Essência do Fundamento*, o questionamento será dirigido ao problema do fundamento e da interpretação originária de mundo, bem como no que diz respeito à distinção ontológica – distinção entre *Ser* e *Ente*. Essas são apenas formas tematizadas de tentar interpretar um fenômeno muito específico que é o da temporalidade ekstática compreendida como horizonte de abertura e possibilidade projetiva possibilitada pelo mundo, pelo ser-no-mundo, e, mais basicamente, pela existência em geral. A verdade fenomenológica, inclusive, se dá a partir desse contexto e tem como pressuposto toda a

estrutura fundante da analítica do ser-aí – ao menos no que foi possível vislumbrar até então.

CONCLUSÕES

Do estudo até então impetrado, conclui-se sumariamente, a partir dos resultados obtidos, que a ‘transcendência’ heideggeriana é algo completamente outro do que cotidianamente, teologicamente e epistemologicamente se entendeu até então. Ela não tem quaisquer correlatos na tradição e aparentemente ainda não foi completamente compreendida pela literatura, principalmente quando se observa o que o próprio Heidegger escreve a título de comentador de seu próprio trabalho. Disso se segue que uma melhor compreensão do fenômeno da transcendência ainda é necessária e que essa pesquisa deverá se prolongar no sentido de oferecer o maior e mais extenso material possível para que se comprove o que aqui se lançou como hipótese, ou seja, a tentativa de destrancendentalização do pensamento heideggeriano. Esse tema será aprofundado no mestrado e a sua relação com a *veritas transcendentalis*, a verdade transcendental, será muito melhor explorada.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPQ e à Propesq, bem como ao Prof. Dr. Sandro Márcio Moura de Sena, orientador dessa pesquisa, e ao Prof. Dr. Thiago André Moura de Aquino, que contribuiu com discussões e materiais.

REFERÊNCIAS

- AERTSEN, Jan A. **Medieval philosophy and the transcendentals**: the case of Thomas Aquinas. Leiden: Brill, 1996. (Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters).
- BONACCINI, Juan A. Sobre o projeto kantiano de uma filosofia transcendental. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 27, n. especial, p. 211-232, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/22776/12733>>. Acesso em: 15 nov. 2014.
- CROWELL, Steven; MALPAS, Jeff. Introduction: transcendental Heidegger. In: CROWELL, Steven (Ed.); MALPAS, Jeff (Ed.). **Transcendental Heidegger**. Stanford: Stanford University Press, 2007. p. 1-9.
- DAHLSTROM, Daniel. Heidegger’s transcendentalism. **Research in Phenomenology**, Leiden, v. 35, issue 1, 2005. p. 29-54. Disponível em: <<http://www.bu.edu/philo/files/2013/09/d-heidegger-transcendentalism.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2014.
- HEIDEGGER, Martin. **A essência do fundamento**: edição bilíngue. Lisboa: 70, 2007a. (Biblioteca de filosofia contemporânea).
- _____. **Metaphysische Anfangsgründe der Logik im Ausgang von Leibniz**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1978. (Gesamtausgabe, 26).
- _____. **Sein und Zeit**. 19. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2006. 445p.
- _____. **Was ist Metaphysik**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2007b.
- KANT, Immanuel. **Kritik der reinen Vernunft**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1974. 2v. (Suhrkamp Taschenbuch Wissenschaft).
- SENA, Sandro Márcio Moura de. Jogue a escada fora. Fenomenologia como terapêutica. **Natureza Humana**, v. 14, n. 2, p. 37-73, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v14n2/a03.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2014.